

Reflexão & Ação, Vol. 22, No 2 (2014).

## CONHECER E TRANSFORMAR. PESQUISA-AÇÃO E PESQUISA PARTICIPANTE EM DIÁLOGO INTERNACIONAL

A obra *Conhecer e transformar: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional* reúne contribuições de pesquisadores da Europa e da América Latina em torno da pesquisa ação e da pesquisa participante. A origem dos textos que compõem a coletânea é um simpósio de caráter internacional realizado no ano de 2011, em Porto Alegre, o *Simpósio Internacional de Pesquisa-Ação e Pesquisa Participante*. Tendo como horizonte a transformação social, ambas as modalidades de pesquisa convergem em termos de opção teórica e metodológica, ao mesmo tempo em que se afastam das tradicionais formas de investigação. Priorizam os processos de apreensão da realidade integradores entre os sujeitos participantes, sem separar quem pesquisa e quem é pesquisado. Por isso, sujeitos da pesquisa, cujo movimento identifica, também, conhecimento e ação transformadora da realidade.

Esta resenha foi desenvolvida a partir de uma leitura crítica do livro, cujo conjunto foi explorado em três partes, para fins de análise. Cada uma delas é composta por seis artigos: os seis primeiros formam a primeira parte, os próximos seis, a segunda e os seis últimos compõem a terceira parte. Com este procedimento procuramos, por um lado, partilhar de maneira uniforme entre os autores, a responsabilidade e o esforço exigidos pela leitura. E de outro, possibilitar uma análise o mais qualificada possível, oferecendo aos leitores uma noção abrangente e fiel ao seu conteúdo.

A primeira parte traz artigos que contemplam concepções de pesquisa-ação e pesquisa participante amplamente fundamentadas nas experiências de seus autores, como nos casos de Carlos Brandão e Alfonso Carrillo. Brandão, protagonista do processo de criação da pesquisa participante no Brasil, problematiza os seus aspectos contraditórios: o vigor emancipatório e a apropriação conservadora que permeiam as práticas em diferentes contextos. O autor salienta a diversidade de práticas de pesquisa que confluem em seus horizontes e ideais, cuja diferença contextual e metodológica enriquece sem divergências maiores. Prega, portanto, a interação. Carrillo, também embasado em sua experiência, principalmente na Colômbia, relaciona algumas confluências dessa corrente de pesquisa, como a diversidade e a transdisciplinaridade, além da responsabilidade social envolvida.

O artigo de Michel Thiollent sinaliza para outras e inovadoras possibilidades de vinculações teóricas da pesquisa-ação, principalmente de cunho filosófico, tais como o pragmatismo, o existencialismo, a psicanálise e o pensamento pós-moderno. O autor se dedica a pensar a renovação da pesquisa-ação e da pesquisa participante, articulando os contextos local e internacional. Werner Fricke, imbuído de uma perspectiva sociopolítica com base em experiências norueguesas, questiona a relação entre os contextos sociopolíticos e a pesquisa-ação, no sentido da promoção de programas e o dimensionamento de processos de aprendizagem e desenvolvimento social.

Outro tema que se destaca na primeira parte é a relação entre a pesquisa-ação e as políticas públicas, contemplado pelos artigos de Emil Sobottka e Maria Ozanira da Silva e Silva. O primeiro inicia com uma reflexão crítica sobre a tradição de pesquisa-ação, atentando para a necessidade de uma postura epistemológica permanente, atenta a princípios como o comprometimento social. Nessa reflexão, relata e analisa duas experiências de pesquisa referentes a políticas públicas distintas, desenvolvidas no Rio Grande do Sul. A segunda desenvolve uma vinculação entre a participação e a pesquisa avaliativa, dimensionada em seu potencial político e formativo. Ambos considerados capazes de qualificar as práticas com base no aprofundamento reflexivo sobre os impactos das políticas públicas, vinculadas a conselhos e organizações populares.

Na segunda parte do livro, o primeiro artigo continua a desenvolver uma visão panorâmica do contexto da pesquisa-ação e pesquisa participante, com a pesquisadora Mariana de Castro Moreira, que desenvolve seu trabalho nas áreas de psicologia social e comunidades: saúde e educação, desenvolvimento social e meio ambiente. Trazendo em seu capítulo uma discussão sobre as políticas públicas e as milhares de ONGs que se dedicam a uma infinidade de atividades sociais, a autora faz um resgate histórico de como se construíram conhecimentos através de projetos sociais e da participação.

Os textos seguintes dessa parte da obra, abordam a questão da pesquisa-ação e pesquisa participante no mundo do trabalho em diferentes perspectivas. O primeiro é escrito por Marianne Kristiansen e Jørgen Bloch-Pousen, que fazem uma reflexão sobre como a participação se desdobra em poder na pesquisa-ação. Seus estudos focam nas relações entre gerentes, funcionários e pesquisadores participantes com interesses de conhecimento conflitantes ou diferentes e em como é possível lidar com processos participativos na pesquisa-ação organizacional dialógica quando a participação é conceituada como desdobramento de poder na prática. Werner Fricke apresenta uma experiência em uma

fábrica de parafusos no norte da Alemanha sobre a participação democrática neste ambiente. Sua pesquisa questiona sobre o contexto social e político no qual as pesquisas são realizadas.

Marcos Bidart-Novaes e Janette Brunstein discutem as diferentes abordagens da pesquisa-ação, apresentando a abordagem de investigação cooperativa além de métodos e técnicas sociodramáticos para levantamento de informações e reflexão sobre a ação. Já a pesquisadora Elza Maria Fonseca Falkembach – cuja atuação junto à educação popular e sistematização de práticas sociais junto a escolas, movimentos sociais, ONGs, sindicatos e órgãos públicos, tem motivado suas produções teóricas e publicações – apresenta um trabalho referente à sistematização da prática de formação político-sindical da Enfoc, Escola Nacional de Formação Político-Sindical da Confag. Ela busca explicitar o processo de formação e refletir sobre o imbricado teórico-metodológico, ético-político e pedagógico de sistematizar uma experiência formativa.

O último texto deste conjunto é da Maria Amélia Santoro Franco, que investiga processos colaborativos de pesquisa-ação e suas possibilidades na compreensão/transformação da prática docente. No artigo, a pesquisadora analisa a pesquisa-ação na prática pedagógica, em especial a sua relevância para a formação de professores, buscando colocar os mesmos em contato com a sua própria prática.

Ainda na dimensão do mundo do trabalho, no artigo “Do trabalho e do trabalho em comum para conhecer”, Cunha, Parrela e Fazzi, partindo de uma perspectiva marxista do trabalho, propõem a investigação da experiência operária, a partir de três abordagens clínicas do trabalho, evidenciando a aproximação das mesmas com as metodologias de pesquisa-ação e/ou pesquisa participante. Através do Projeto Conexões de Energia em Trabalho, os autores utilizam relatos de funcionários da Companhia Energética de Minas Gerais, estabelecendo relações entre o ponto de vista dos entrevistados e as perspectivas científicas abordadas pelas Comunidades Científicas do Trabalho, pela Ergonomia da Atividade e pela Abordagem Ergológica do Trabalho. Propondo, assim, um diálogo entre trabalhadores, gestores e formuladores de políticas econômico-estruturais do trabalho.

Dewk, ao propor a pesquisa-ação como uma possibilidade de formação crítica, ética e cidadã de engenheiros, aborda o uso da metodologia como um viés pedagógico indispensável para a formação de profissionais “críticos e reflexivos” dentro do campo de atuação analisado. A partir da perspectiva da antropopedagogia, o autor busca aproximar a educação técnico científica dos preceitos da pesquisa-ação, acreditando que essa união contribuirá para a formação de profissionais mais engajados e socialmente responsáveis.

Voltando-se mais para o campo da educação, o artigo Método Documentário e Pesquisa Participante: algumas interfaces, de Weller e Silva, narra a experiência de pesquisa das autoras, na utilização do método documentário como ferramenta para a análise de pesquisas etnográficas, com jovens em São Paulo e na Bahia, entre 1998 e 2001 e 2007 e 2008, respectivamente. A conciliação entre os métodos de documentário e pesquisa participante possibilitou às pesquisadoras, não apenas dar voz aos sujeitos participantes, mas, também, garantir o rigor metodológico e a compreensão das visões de mundo ou dos sentidos das ações destes sujeitos.

Ainda utilizando a pesquisa etnográfica, Riemann propõe – a partir dos relatos de alunos e alunas do serviço social acerca de seus estágios obrigatórios, chamados de “etnografias autorreflexivas” – uma análise da formação e da prática profissional de Assistentes Sociais familiarizados com diferentes abordagens e métodos de pesquisa qualitativos. No texto, são descritas as etapas das experiências etnográficas das (os) alunas (os), que possibilitam a “narração da própria prática” e, com ela, maior reflexão sobre as realidades observadas e sobre as teorias estudadas. O autor sugere aos leitores, o exercício de reflexão ao questionar quais das proximidades e afastamentos do método desenvolvido por ele com a pesquisa-ação participante; lembrando que, mesmo desenvolvido por alunos, o estudo é de legitimidade e importância, pois além de feito “a partir de baixo”, permite aos estudantes a familiarização com o campo de atuação.

No artigo “Etnopsicoanálisis Participativista: una reconstrucción paradigmática”, Gabarrón, a partir de uma revisão bibliográfica dos temas, centra a discussão na viabilidade da articulação e complementação metodológica entre a Etnopsicanálise e a Pesquisa Participante. Essa junção metodológica é abordada pelo autor, a partir de duas perspectivas: por um lado, como uma complementariedade disciplinar e, por outro, como uma convergência paradigmática. Para a fundamentação do argumento, são apresentadas quatro categorias que permitem tal convergência: a perspectiva do sujeito, o princípio dialógico, a conscientização e a etnicidade. Propondo, assim, a *Etnopsicanálise Participativa* como uma proposta teórico-metodológica, um método investigativo que está inserido na contemporaneidade.

Para finalizar a obra, Adams, Moretti e Streck realizam uma reflexão sobre alguns temas abordados durante o Simpósio Internacional de Pesquisa Ação e Pesquisa Participante que deu origem a este livro. Fazendo referência a Orlando Fals Borda, os autores utilizam a expressão “quixotismo” como analogia ao movimento dos participantes do referido Simpósio – assim como aos participantes do Congresso de Convergência Participativa, sobre o qual Fals Borda escreveu e utilizou a expressão – em buscar alternativas metodológicas que vão de

encontro às perspectivas hegemônicas de pesquisa. A partir do relato dos estudos de caso apresentados através das ênfases Diálogo e Inovação, Participação e Pesquisa Avaliativa, e Inovação e Participação Democrática, são apresentadas as contribuições dos métodos para o campo da educação, buscando colaborar para o desenvolvimento de cidadãos e trabalhadores críticos, criativos e solidários através da superação da colonialidade do poder e de seus desdobramentos.

O livro tem o mérito de reunir dezoito textos de qualidade científica sobre pesquisa-ação e pesquisa participante, cuja abordagem clara e acessível ao leitor, permite sugerir sua adoção por pesquisadores e interessados na temática. Oferece subsídios tanto para estudantes universitários como para pesquisadores experientes, a fim de que possam planejar e desenvolver suas investigações, principalmente no campo das ciências humanas e sociais.

#### REFERÊNCIA

STRECK, Danilo R., SOBOTTKA, Emil A., EGGERT, Edla. *Conhecer e transformar: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional*. 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2014.

Sandro de Castro Pitano<sup>1</sup>  
Carolina Schenatto da Rosa<sup>2</sup>  
Paloma de Freitas Daudt<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação, professor do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Endereço: Alberto Rosa, 154 - Sala 134ª Centro. 96015710 - Pelotas, RS - Brasil

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da Unisinos, bolsista de iniciação científica do Programa de Pós-Graduação em Educação. Endereço: Alberto Rosa, 154 - Sala 134ª Centro. 96015710 - Pelotas, RS - Brasil

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Letras da Unisinos, bolsista de apoio técnico - CNPq do Programa de Pós-Graduação em Educação. Endereço: Alberto Rosa, 154 - Sala 134ª Centro. 96015710 - Pelotas, RS - Brasil